

XIV JORNADAS DA EBP
SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM
TU
DEVES...

#03



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

OBRA FRATURA - FERNANDA LEAL

TU DEVES..

SUMÁRIO

- 3 ... espiar o editorial
- 4 ... ler o eixo 2: A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo
- 10 ... pensar na clínica
- 17 ... ler questões sobre supereu e *troumatisme*
- 20 ... ser impactado: paixão e supereu
- 25 ... ir aos livros
- 26 ... buscar referências
- 32 ... abrir essa carta e aceitar nosso convite
- 33 ... propor o seu trabalho
- 35 ... garantir sua inscrição
- 36 ... conhecer a diretoria e as comissões organizadoras

... espiar o editorial



Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros

Membro da EBP/AMP

Participante da Comissão de Boletim das XIV Jornadas da EBP-SP

Imagem: [clyde-he_unsplash.com](https://unsplash.com/photos/clyde-he)

Este terceiro boletim das XIV Jornadas da EBP-SP, *Bem-feito, supereu!* interroga as manifestações clínicas do supereu no falasser hoje. A comissão de orientação nos apresenta o Eixo 2, articulando o empuxo ao gozo e os resíduos verbais do supereu. Os autores também evidenciam o que a psicanálise, orientada pelo desejo do analista, propõe como manejo clínico diante da ferocidade do supereu.

Mirmila Musse nos brinda com um texto que articula três citações importantes de Miller que orienta sua escrita: a premissa de que o supereu é o corpo estranho do inconsciente, que fala pela pulsão e diz: goze!

Seria o supereu o nome do *troumatisme*? Questão que Paula Maia levanta em seu texto que propõe pesquisar a vertente pulsional do supereu e os efeitos paradoxais do trauma de *lalíngua* no corpo.

A comissão de arte por sua vez, através do texto de Caroline Rangel e James Alberto Moura Valeriano, nos apresenta a escrita peculiar de Annie Ernaux, em seu livro “Paixão Simples”, e questionam “(...) seria possível inferir que o que ela narra se articula com o que Lacan formalizou como um para além do Édipo?”.

Por fim, Vinícius Tiola Soares, da comissão de livraria, por meio do equívoco homofônico do Bem-feito, *Supereu!*, nos provoca e entusiasma para as surpresas imperdíveis “que pode subverter o seu ‘Tu debes..’ em um legítimo ato de desejo”!

Boa leitura!

... ler o eixo 2: A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo

Marilsa Basso, Niraldo de Oliveira Santos e Silvia Sato
Membros da EBP/AMP
Participantes da Comissão de Orientação
das XIV Jornadas da EBP-SP

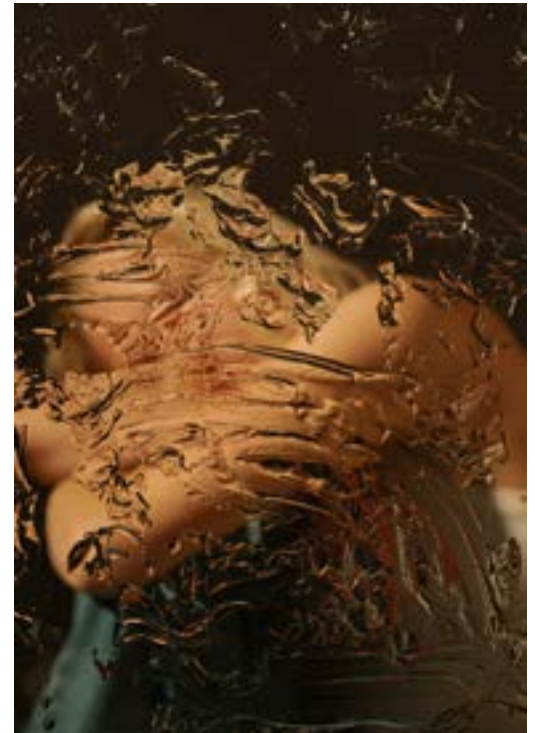


Imagem: becky-sherburn_unsplash.com

Trataremos, nesse eixo temático, de promover uma vertente de investigação das manifestações clínicas contemporâneas cujos modos de gozo evidenciam a ferocidade e a voracidade do supereu articuladas à sua voz áfona e seu caráter insensato. Por quais vias a clínica evidencia o empuxo ao gozo contemporâneo e um funcionamento do supereu para além do Édipo e da consciência moral?

1) A gênese do supereu: a incorporação

A abordagem freudiana do supereu, especialmente em *O Eu e o Id*, já indica um ponto decisivo: sua origem não se reduz a uma interiorização normativa consciente, mas se enraíza na dimensão da linguagem enquanto traço mnêmico, sobretudo auditivo. Os chamados “resíduos verbais”¹ – derivados da palavra ouvida – constituem a base a partir da qual o supereu se inscreve no aparelho psíquico.

1 FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: *Obras completas*, volume 16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 66.

Lacan radicaliza essa perspectiva ao deslocar a gênese do supereu para o campo do significante e da voz. Nesta vertente, a gênese do supereu não se dá pela introjeção de uma lei pela via do sentido, mas pela palavra em sua materialidade, tal como um corpo estranho². É nesse nível que se pode falar de uma *Einverleibung*, uma incorporação que não se confunde com assimilação simbólica³, isto é, com a identificação. Lacan utiliza o texto de Otto Isakower⁴ em diversos momentos do seu ensino e constrói um apólogo em torno do que se passa com um pequeno crustáceo chamado dáfnia (pulga-d'água): “esse animal, que vive em águas salinas, tem o curioso hábito, num momento de suas metamorfoses, de obturar sua carapaça com minúsculos grãos de areia, os quais introduz no que tem como um chamado aparelho estado-acústico reduzido (...). Uma vez introduzida de fora essas partículas de areia (...), o utrículo volta a se fechar, e eis que o animal passa a ter em seu interior os pequenos guizos necessários a seu equilíbrio”⁵. Analogamente, no ser falante, esse objeto estrangeiro e insensato, incorporado pela via acústica – o supereu –, “é o verdadeiro possuidor da casa”⁶, que desaloja o Eu.

No *Seminário 10, A angústia*, ao abordar o objeto voz, Lacan nos diz que é acidental a ligação da linguagem com uma sonoridade e se refere à cóclea como uma “caixa de ressonância (que) só ressoa em sua nota, em sua própria frequência (...), que funciona à maneira de um tubo”⁷. Trata-se de um vazio espacial, “do Outro como tal, o *ex nihilo* propriamente dito (...). É próprio da estrutura do Outro constituir um certo vazio, o vazio de sua falta de garantia. A voz de que se trata é a voz como imperativo, como aquela que reclama obediência ou convicção”⁸, ecoando no real.

Consideremos, então, a incorporação desse “grão de areia linguístico, estrangeiro e que carrega uma dimensão arbitrária e imperativa”⁹ como articulada à proposição lacaniana do acontecimento de corpo. Nessa hipótese, a vertente real do supereu decorre do excesso de gozo proveniente do choque de *lalíngua* com o corpo, que não se inscreve na cadeia significante, permanecendo destacado dela como um excedente de gozo. Em *Joyce, o sintoma*, Lacan nos apresenta uma contundente versão daquilo que faz sintoma para o ser falante: “Deixemos o sintoma no que ele é: um acontecimento de corpo”¹⁰. Nesta concepção do sintoma, apresentada no último ensino de Lacan, o significante não tem apenas um efeito de mortificação sobre o corpo; “o significante é causa do gozo e (...) o sintoma se refere ao corpo vivificado pelo significante”¹¹. Trata-se de um momento do ensino de Lacan no qual a linguagem não opera somente pela via de expulsar uma parte do gozo – como conhecemos no famoso aforismo “a palavra mata a coisa” –,

2 LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 312.

3 LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 301.

4 ISAKOWER, O. On the Exceptional Position of the Auditory Sphere (1939). *Int. J. Psycho-Anal.*, 20:340-348.

5 LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia, op. cit.*, p. 301.

6 LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses, op. cit.*, p. 313.

7 LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia, op. cit.*, p. 299.

8 *Ibid.*, p. 300.

9 CAMPOS, A. Pas d'enfance sans surmoi. In: *Enfants terribles et parentes exaspérés*. Paris: Navarin Éditeur, 2023, p. 25.

10 LACAN, J. *Joyce, o sintoma*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 565.

11 MILLER, J.-A. *O osso de uma análise*. Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia, 1998, p. 81-82.

mas também pela via do corpo vivificado pelo significante em sua materialidade, tributário desse encontro com *lalíngua*. O choque traumático de *lalíngua* com o corpo, sonoro, mas desprovido de sentido, produz um acontecimento de corpo inaugural, tendo como consequência um duplo efeito: furo e excesso (*trou e tropmatisme*). “Lá onde não há relação sexual, isso faz *troumatisme*”¹², afirma Lacan no Seminário 21. O traumatismo, pela via do acontecimento de corpo, com seus efeitos, origina tanto o sintoma quanto o que em sua vertente real, itera¹³.

Jacques-Alain Miller nos mostra que o supereu não é o “inconsciente divertido e surpreendente” e nos convoca a analisar “o aspecto coercitivo do inconsciente e aquilo que, para o sujeito, se apresenta como um corpo estranho dentro do próprio sintoma, como sua opacidade”¹⁴. O caráter de estranheza e opacidade do supereu produz a iteração de um gozo diferente daquele que desliza na cadeia de significantes, com suas leis. Aqui, o que itera – e que é tributário do acontecimento de corpo originário – é “a reiteração do Um de gozo” à qual Miller dá o nome de adicção. Ele exemplifica mostrando que, nos casos da adicção, não se tem a soma – a constatação de que já bebeu três copos e que isso seria o bastante, um limite para não ultrapassar o princípio do prazer. No caso da adicção, “bebe-se sempre o mesmo copo, uma vez mais (...); trata-se do retorno do mesmo acontecimento”¹⁵. Essa iteração, um etecétera, é o que Miller nos apresenta como a raiz do sintoma, que é feita da “reiteração inextinguível de um mesmo Um”¹⁶. Neste nível, conta-nos Miller, não há mais leis; aponta-se, assim, para a fórmula lacaniana *o real é sem lei* e, nesse ponto, “o real tem uma causa, que é a conjunção do Um e do gozo”¹⁷.

2) Feroz e insaciável – o empuxo ao gozo

Se a tradição psicanalítica tende a conceber o supereu como instância de proibição e regulação, a orientação lacaniana revela seu caráter profundamente paradoxal. O supereu não se limita a interditar; ele comanda, com sua voz áfona. Seu comando fundamental, como enfatiza Lacan, não é “Não gozarás”, mas, ao contrário, “Goza!”. Dito de outro modo, trata-se de uma passagem do “Tu debes” ao “Tu tens o direito a gozar”¹⁸, expondo a conjunção entre as adicções e a pulsão de morte.

O supereu não visa ao bem-estar do sujeito: “ele deve ser incluído na mesma categoria que a pulsão de morte e o masoquismo primário”¹⁹; trata-se de um funcionamento que engendra uma satisfação que se sustenta para além do princípio do prazer. Éric Laurent nos mostra como isso se dá: “Contra o meio que

12 LACAN, J. O Seminário, livro 21: Les non-dupes errent. Inédito. Aula de 19/02/1974.

13 No que diz respeito à diferença entre repetição e iteração, vejamos o que diz Sonia Chiriaco: “A repetição não é isso: ela fracassa e se repete; a iteração, ao contrário, é exatamente isso... A repetição é a diferença, ao passo que a iteração suprime o Outro”. CHIRIACO, S. Répétition, itération. *Quarto - Revue psychanalytique* publié en Belgique, n. 105, septembre 2013, p. 31.

14 MILLER, J.-A. Clinique du surmoi. In: *Gourmandise du surmoi. Mental - Revue Internationale de psychanalyse*. N. 50, novembre 2024, p. 15.

15 MILLER, J.-A. Ler um sintoma. In: Santiago, A.L. (org). *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2025, p 262
16 *Ibid.*, p. 262.

17 MILLER, J.-A. O Um sozinho. Inédito. Aula de 30/03/2011.

18 LEGUIL, C. Emprise et consentement. In : *Actualité de Sade. Quarto 136. Revue de psychanalyse* publiée en Belgique – École de la Cause Freudienne, avril 2024, p. 38.

19 MILLER, J.-A. Clinique du surmoi, *op. cit.*, p. 18.

não quer que se goze, então gozemos o mais possível, ou seja, vamos em direção à morte”²⁰. O supereu aparece, então, como uma lei insensata, desvinculada de qualquer garantia superior; ele é o “Outro na medida em que não há Outro do Outro (...), ele cria a lei, mas sem ser regulada”²¹. Essa dimensão se aproxima do que Lacan situa como “o Desejo da Mãe antes de sua metaforização pelo Nome-do-Pai: um desejo caprichoso, sem lei”²².

Carolina Koretzky nos confronta com uma questão central: “Será que essa ordem de ferro poderia ser uma das formas contemporâneas do supereu na era da inexistência do Pai?”²³. A tese da “inexistência do Outro” permite situar essa desregulação da lei imposta pelo supereu. Na ausência de uma referência simbólica consistente, instala-se uma ordem ainda mais rígida. O supereu se articula à proliferação dos objetos de consumo ofertados pelo capitalismo – aos *gadgets*, às formas de satisfação imediata.

O laço social contemporâneo é marcado por uma coalescência entre os significantes mestres identificadores e coletivizantes e os objetos mais-de-gozar²⁴. “No ‘zênite social’, o objeto *a* os substituiu. A inserção no laço se faz menos por identificação do que por consumo”²⁵. Essa articulação produz novas formas de sujeição, nas quais o *fallasser* é capturado não tanto por ideais, mas por circuitos de satisfação aditiva, com o objeto *a* deslocado de sua articulação no fantasma. As adições, nesse contexto, aparecem como paradigmas clínicos: não se trata apenas de hábitos, mas de modos de resposta ao imperativo superegótico.

A exigência de comunicação imediata é facilitada pelos aplicativos dos *smartphones* – a barra de rolagem é infinita e hipnotiza crianças e adultos, nutrindo os mais diversos tipos de compulsão: pornografia, masturbação, compras e jogos de apostas; o recurso crescente ao entorpecimento promovido pelas substâncias ilícitas, pelo álcool ou por medicamentos; a tecnificação da reprodução, impondo o imperativo de filhos a qualquer momento; os emagrecimentos forçados pelo uso de medicamentos ou as múltiplas cirurgias plásticas que visam a uma estética padronizada; o excesso de trabalho, visando ao aumento da produção e do desempenho, culminando nos chamados casos de *burnout*, entre outros, são exemplos desse “consumo frenético dos mais-de-gozar”²⁶. Observa-se uma tentativa de tamponar a falta estrutural por meio de objetos que prometem uma satisfação sem resto.

Perguntamo-nos aqui se este modo de inscrição no laço social não apontaria para o que Jacques-Alain Miller se referiu como o desaparecimento da vergonha, em que o sujeito cessa de ser representado por um significante que valha: “Estamos no ponto em que o discurso dominante determina que não se

20 LAURENT, É. A resposta do analista ao chamado do gozo. In: *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Scriptum livros, 2012, p. 130.

21 MILLER, J.-A. Clinique du surmoi, *op. cit.*, p. 21.

22 *Ibid.*

23 KORETZKY, C. Du nouage par le social. In: *Gourmandise du surmoi. Mental - Revue Internationale de psychanalyse*. N. 50, novembre 2024, p. 70.

24 ROY, D. O supereu contemporâneo. In: *Revista Curinga*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n. 41, jan/jun de 2016, p. 118.

25 MILLER, J.-A. Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia. In: *A fábrica de psicanalista, op. cit.*, p. 173.

26 *Ibid.*, p. 173.

tenha mais vergonha de seu gozo. Do resto, sim. De seu desejo, mas não de seu gozo”²⁷. Nessa direção, ao verificar na clínica a evaporação da vergonha, Christiane Alberti diagnostica, de modo bastante apropriado, um “desencantamento, (uma) morosidade (nas) paixões tristes de hoje; (paixões) sem a paixão”²⁸.

3) As manifestações contemporâneas do supereu e a prática psicanalítica

“Vós vos exauris para que ele possa regalar-se em suas iguarias e chafurdar em seus prazeres imundos (...). Não quero que o confronteis, nem que o abaleis, mas somente que não o sustenteis, e o vereis como um grande colosso do qual se subtrai a base e que, então, tomba sob o próprio peso e se despedaça”²⁹.

Diante da ferocidade do supereu no *fallasser* contemporâneo, a psicanálise não propõe uma nova normatividade, nem uma adaptação do sujeito às exigências sociais. Sua via é outra: trata-se de introduzir uma ruptura no circuito. A associação livre, como dispositivo fundamental, visa justamente a afrouxar o domínio dessa instância. Ao permitir a emergência do que de real habita o sintoma, abre-se a possibilidade de um reposicionamento do ser falante em relação ao seu gozo. Por outro lado, podemos nos questionar se o próprio convite à associação livre, feito pelo analista e considerado como condição de possibilidade para a entrada no tratamento, não seria um comando superegóico³⁰ que aponta para a vertente positiva do supereu, quando há o consentimento do analisante.

O desejo do analista ocupa aqui uma função decisiva. Ele não se confunde com a vontade de gozo nem com a vontade moral. Como nos aponta Miller em “Jogar a partida”, o desejo do analista opera como obstáculo ao movimento perpétuo do supereu: “Ele se situa entre os dois elementos da cadeia significante, divididos por uma barreira, de modo que temos como produção os significantes da identificação, e não um retorno ao ponto de partida”³¹, o que, pela via do manejo do tempo e do corte, incide exatamente no ponto de infinitização do gozo em uma análise. Nesse percurso, a separação entre os significantes mestres e o objeto é crucial.

Qual o destino, portanto, do supereu em uma análise? O que permite um novo regime de gozo, não comandado por ele?

Koretzky nos mostra que a demanda de alguns sujeitos que nos procuram hoje “não é tanto a de afrouxar o aperto de sua alienação em relação ao desejo do Outro (...). Talvez venham cada vez mais em busca de outro espaço, um ‘respiro’ onde possam se refugiar de um ‘Goze!’ que nunca sacia sua fome”³².

Fica aqui o convite aos colegas praticantes da psicanálise para o envio de trabalhos que incluam recortes clínicos, permitindo sustentar e aprofundar a discussão em torno do funcionamento do supereu na

27 MILLER, J.-A. Nota sobre a vergonha. In: *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Nr 38, novembro de 2003, p. 18.

28 ALBERTI, C. Corpos aprisionados pelo discurso. In: *Correio*: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 94, abril de 2025, p. 22.

29 LA BOÉTIE, É. DE. *O discurso da servidão voluntária, ou, O contra um*. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 18.

30 DIAS BATISTA, M. C. Argumento – XIV Jornadas da EBP-SP: *Bem-feito, supereu!*

31 MILLER, J.-A. Jogar a partida. In: *Revista Opção Lacaniana – Revista Brasileira e Internacional de Psicanálise*. N. 90, outubro de 2025.

32 KORETZKY, C. Du nouage par le social, p. 72.

contemporaneidade. A elaboração desses casos poderá contribuir, de modo significativo, para que avancemos na clínica psicanalítica em nossos dias.

EIXO 2 – CÁPSULAS

1. As primeiras palavras ouvidas são palavras incorporadas;
2. A voz imperativa que ecoa no real;
3. Choque de *lalíngua* com o corpo: supereu real, furo e gozo;
4. Incorporação do supereu → acontecimento de corpo → sintoma;
5. O gozo excessivo nas adicções, aplicativos, compras, masturbação, BETS, pornografia, FIVS, emagrecimentos, medicações;
6. O desaparecimento da vergonha;
7. Supereu e pulsão de morte;
8. Como intervir no circuito da compulsão?
9. Separar os significantes mestres do objeto;
10. A associação livre é um dos bem-feitos do supereu.

... pensar na clínica

Supereu: O retorno da pulsão

Mirmila Musse

Membro da EBP/AMP

Diretora de Cartéis e Intercâmbio da EBP-SP 2025-2027



Imagem: keylabarraza_unsplash.com

“Não pensamos o supereu apenas como um mestre feio e sério que diz “tem que trabalhar!” O supereu não somente tem função punitiva, como também função de doçura, não é apenas a figura obscena e feroz, da qual Lacan fala também.¹”

“A pulsão fala?”, perguntou Miller em conversa com Gil Caroz no último *Congresso da AMP – Não há relação sexual*². “A pulsão é silenciosa, mas caso falasse, [continua ele], ela falaria a partir do supereu, e diria goze!”. Anos antes, em *Clínica do supereu*³, ele se refere ao lado opaco do sintoma e ao corpo estranho e coercitivo do inconsciente, para dizer que o supereu é um dos nomes do inconsciente. Nove anos depois, em *Lacan elucidado*, ele é mais categórico, ao dizer que “o supereu é o sujeito da pulsão”⁴. Essas três citações de Miller dos anos, respectivamente, de 2026, 1989 e 1981 orientam esse texto, a partir da premissa

1 MILLER, J.-A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 169.

2 Tema do XV Congresso da AMP – Associação Mundial de Psicanálise – 30 de abril a 3 de maio de 2026. Paris.

3 MILLER, J.-A. Clinique du surmoi. *Mental – Revue Internationale de Psychanalyse*. Euro Fédération de Psychanalyse, n. 50, Paris, nov. 2024., p. 15.

4 MILLER, J.-A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 382.

de que o supereu é o corpo estranho do inconsciente, que fala pela pulsão e diz: goze!

O supereu ordena o gozo e o discurso

O supereu ordena, exige e coordena o gozo. Destaco as duas significações do verbo “ordenar”, para localizar a função dessa instância: ele ordena (organiza) o sujeito do inconsciente por uma estrutura, mas também o ordena (imperativo/comando) em relação à posição em que ele se coloca nos quatro discursos. Miller questiona a função do supereu no curso *Los cuatro de Lacan 1, 2, 3, 4*⁵, destacando a seguinte frase de Lacan no texto *Kant com Sade*: “Uma estrutura quadrípede, desde o inconsciente, é sempre exigível na construção de uma ordenação subjetiva”⁶. Essa frase coloca o “supereu no centro dessa noção de construção de uma ordenação subjetiva”⁷, seja em relação à construção do sujeito do inconsciente, seja na ordenação do sujeito no discurso.

Já no primeiro capítulo do *Seminário 17*, Lacan recorre ao supereu para desenvolver a estrutura de um “discurso sem palavras”⁸. Um discurso que se mantém na linguagem, que “pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe das enunciações estáveis”⁹. O supereu como uma instância, instaura uma estrutura tanto na linguagem da pulsão quanto no discurso¹⁰.

Um discurso sem palavras

É pelo supereu que Lacan sustenta o desenvolvimento teórico dessa linguagem sem palavras à qual o sujeito responde e obedece sem saber. É um discurso sem palavras que testemunha “que há um discurso no real”¹¹. A construção de uma ordenação subjetiva na perspectiva de *um discurso que não fosse semblante* é o discurso com o qual o analista se depara em um atendimento. “É o supereu que encontramos na clínica, no lugar da *não relação sexual*.”¹²

Essa é a essência do discurso analítico! Um discurso que determina o modo de gozo do sujeito, sem palavras mas não sem linguagem: “o que há de novo é existir um discurso que articula essa renúncia, e que faz evidenciar-se nela o que chamei de função mais-de-gozo”¹³.

Que renúncia é essa à qual Lacan se refere? Aí está o nó da relação do supereu e da pulsão. Freud supunha que o supereu teria a função de fazer o sujeito renunciar ao gozo – o excesso da pulsão não simbolizada pela linguagem – para estar na civilização. Essa renúncia freudiana é o que Lacan fundamenta como a origem do supereu.

Circuito do supereu

O discurso sem palavras é efeito desse excesso de gozo supostamente renunciado. No lugar de desaparecer, ele retorna ao supereu estabelecendo um circuito entre a pulsão e o supereu, entre

5 MILLER, J.-A. *Los cuatro de Lacan. 1,2,3,4, Tomo I*. 1a ed. Buenos Aires: Paidós, 2021, p. 40.

6 LACAN, J. *Kant com Sade*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 785.

7 MILLER, J.-A. *Los cuatro de Lacan. 1,2,3,4, Tomo II. Op. cit.*, p. 254.

8 LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 11.

9 *Ibid.*.

10 MILLER, J.-A. *Los cuatro de Lacan. 1,2,3,4, Tomo II. Op. cit.*, p. 254.

11 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética / con la colaboración de: Éric Laurent*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 120.

12 MILLER, J.-A. *Causa y consentimiento*. Buenos Aires, Paidós, 2019, p. 182

13 LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Op. cit.*, p. 17.

o gozo e o mais-de-gozo: “O mais de gozar é diferente do gozo. O mais de gozar é aquilo que corresponde não ao gozo, mas à perda de gozo, na medida em que dele surge o que se torna a causa conjunta do desejo de saber e da animação, que recentemente qualifiquei de feroz, que provém do mais-de-gozar¹⁴”.

O sujeito não consegue isolar essa pulsão ou renunciar a ela, e esse é o problema colocado por Lacan, a partir da renúncia pulsional freudiana: “Não há, no circuito do supereu, uma barreira que impeça este gozo separado de retornar ao supereu”¹⁵, diz Miller. A renúncia à pulsão, em um primeiro momento, é o que dá forças, em um segundo tempo, para o retorno dela, agora em excesso. Esse excesso da pulsão é o que Lacan chamou de objeto *a*, ou mais-de-gozar.

O supereu é uma forma que a pulsão assume, “se quisermos um travestimento metonímico da pulsão sob a máscara antipulsional”¹⁶. É uma relação de proporção: quanto mais se renuncia à satisfação pulsional, mais esse excesso é alimentado e retorna de maneira feroz como imperativo de gozo. O circuito do supereu recicla a pulsão, fundando a repetição pelo retorno do gozo perdido¹⁷. É a “reciclagem do dejetivo”¹⁸ que não se interrompe, que é guloso¹⁹ porque é nutrido pelo o objeto *a*²⁰.

A linguagem é o supereu – a lei insensata

São os “enunciados primordiais”²¹, não ligados à fala, mas à pulsão, que determinam a linguagem fruto do supereu. Ela está relacionada ao que escapa da ordenação significativa do mestre como princípio da lei. Essa é a essência e a prescrição do supereu: “Ela se origina precisamente nesse Pai original mais do que mítico, nesse apelo como tal ao gozo puro, isto é, à não castração.”²² O gozo absorvido pelo supereu não é o gozo da castração, mas o gozo puro não negativizável ou simbolizado pela própria castração. Ele está fora da norma e não é ordenado pela lógica fálica. No curso *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, Miller propõe que o Outro do simbólico seja substituído por um gozo barrado²³ e que tem como produto o objeto *a*.

É uma operação de substituição necessária para a incidência da linguagem: “Lá onde Freud teve que implicar o Complexo de Édipo, o Nome do Pai e o supereu, Lacan implica somente a incidência da linguagem como tal. [...] É a linguagem que é o Nome do Pai, e mesmo é a linguagem que é o supereu”²⁴. Se, em Freud, ele é a herança do complexo de Édipo, em Lacan, ele é a herança da língua²⁵. O que vem no lugar da metáfora paterna, o lugar de ação do supereu é um gozo barrado e primário. Ele é barrado porque é impossível de alcançar e se satisfazer.²⁶ O supereu é quem permite ao *corpo ser aprisionado pelo discurso*,

14 LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 114.

15 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 303.

16 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética / con la colaboración de: Éric Laurent*. *Op. cit.*, p. 84.

17 LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). *Op. cit.*, p. 46-47.

18 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. *Op. cit.*, p. 304.

19 LACAN, J. *Televisão*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 52.

20 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. *Op. cit.*, p. 304.

21 LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). *Op. cit.*, p. 11.

22 LACAN, J. *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 166.

23 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética / con la colaboración de: Éric Laurent*. *Op. cit.*, p.84.

24 *Ibid.*

25 MILLER, J.-A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. *Op. cit.*, p. 38.

26 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética / con la colaboración de: Éric Laurent*. *Op. cit.*, p. 84.

e é quem faz os *barulhos da língua*²⁷.

Há um paradoxo do supereu?

Não é o Pai mítico que determina a origem da linguagem pela interdição do gozo, mas o pai do imperativo superegótico, que diz: goze! Se há um paradoxo do supereu, ele se origina no declínio do Édipo: “Qual é a essência do supereu? [...] Qual é a ordem do supereu? Ela se origina precisamente desse Pai originário, mais que mítico, desse chamado como tal à pura fruição, ou seja, à não castração. Com efeito, o que esse Pai diz no declínio do Édipo? Ele diz o que o supereu diz. [...] O que o supereu diz é ‘goze!’”²⁸.

O fato de o pai mítico de Freud estar morto torna o gozo sob sua guarda impossível. Trata-se de um operador lógico: “Que o pai morto seja o gozo, isto se apresenta a nós como sinal do próprio impossível”²⁹. É um problema de estrutura: “Goza com tudo que és, goza, [...] Goza com a mulher a quem amas. É o cúmulo do paradoxo, porque é justamente do amá-la que vem o obstáculo”³⁰. É nessa passagem de um texto bíblico que Lacan encontra o possível paradoxo da origem do supereu e sua impossibilidade. A ordem “gozar com a mulher que se ama” é impossível, porque amá-la faz obstáculo a gozar dela³¹.

Lacan resolve o paradoxo freudiano do supereu quando o pensa não como interdito, mas como imperativo do gozo³². Ao seguirmos Lacan no *Seminário 20: mais ainda*, vemos que gozar do corpo de uma mulher é impossível para o homem, que goza apenas do próprio órgão, pela lógica fálica³³. O gozo do supereu enquanto correlato à castração, “que é signo com que se paramenta a confissão de que o gozo do Outro, do corpo do Outro, só se promove pela infinitude”³⁴. O supereu não é uma lei do Outro e não se originaria dessa lei. Ele só é o Outro “na medida em que não há Outro do Outro, Outro que faz a lei”³⁵.

A raiz do supereu é a pulsão e não a civilização

A tensão entre o supereu, a pulsão e a civilização é estabelecida por Freud. Para ele, enquanto a pulsão é uma força demoníaca, que está para além do princípio do prazer, e que recusa ideias forjados pelo homem³⁶, o supereu é sua aposta para dominar essa força e responder à possível harmonia da civilização. O supereu é a invenção freudiana para determinar uma ética para a civilização, tentando terapeutizá-la³⁷. É justamente porque o supereu está no mais além do princípio do prazer, que Miller pode falar que a clínica

27 Faço referência ao título dos dois últimos Encontros brasileiros do Campo Freudiano: XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, *Os corpos aprisionados pelo discurso, e seus restos*, em 2024 e o XXVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, *Barulho da língua: A interpretação entre a fala e a escrita*, 2026.

28 LACAN, J. O *Seminário*, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (1971). *Op. cit.*, p. 166.

29 LACAN, J. O *Seminário*, livro 16: de um Outro ao outro (1968-1969). *Op. cit.*, p. 130.

30 LACAN, J. O *Seminário*, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (1971). *Op. cit.*, p. 166.

31 CAMPOS, A. Este supereu, que interpreta nossa época. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 18(36), 141-148, mai. 2023.

32 MILLER, J.-A. La clinique du surmoi. In: *Mental*, n. 50, p. 20-22, nov. 2024.

33 LACAN, J. O *Seminário*, livro 20: mais ainda (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 20.

34 *Ibid.*.

35 MILLER, J.-A. La clinique du surmoi. *Op. cit.* (Tradução nossa).

36 ROY, D. O supereu contemporâneo. In: *Curinga*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n. 41, jan./jun. 2016, p. 112.

37 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. *Op. cit.*, p. 304.

do supereu é a clínica da pulsão de morte³⁸.

Mesmo que a civilização analisada por Freud não seja a atual, tanto naquele momento, quanto agora, o supereu continua estruturando a civilização da mesma maneira: Ela é “apenas um sistema de distribuição de gozo a partir de semblantes”³⁹ e modos de gozo comuns. Miller lembra que, mesmo para Freud, o supereu é parceiro da pulsão e não da civilização. Se há uma relação com esta última, ela é apenas uma consequência do supereu, que se origina da própria pulsão⁴⁰.

De fato, o supereu continua sendo o operador para passar do princípio do prazer para o princípio da realidade, como propôs Freud. Mas a raiz do supereu não está na realidade. Ela está no fracasso do princípio do prazer em satisfazer o sujeito⁴¹. Para Freud, a civilização é a fonte da realidade que faz o Outro existir pela interdição, repressão, culpa ou semblantes⁴². Para Lacan, quando o Outro não existe, o supereu traça os caminhos dela a partir do gozo⁴³.

O supereu é uma “noz difícil de quebrar”⁴⁴ e, por não se satisfazer com o princípio do prazer, demanda ser satisfeito na realidade. Segundo Miller, o que Lacan faz é devolver ao supereu seu lugar no princípio da realidade, integrando a ele o gozo que não se satisfaz no próprio princípio do prazer. “Ceder ao seu desejo” ao renunciar à pulsão – como queria Freud –, para estar na civilização, é a própria fonte do mal estar, porque reforça a própria força da pulsão que não apazigua essa exigência⁴⁵. O supereu é quem nutre o sujeito com as exigências pulsionais⁴⁶, colocando em funcionamento as exigências de gozo da pulsão na civilização.

A torção para pensar o supereu a partir da pulsão nos leva à clínica. Não é a civilização que interdita o supereu. Ele é quem determina os modos de gozo da civilização. No lugar de uma instância social de normatização, o supereu é a “lei do inconsciente, que não normaliza, mas introduz o sujeito numa dimensão onde o gozo está louco, largado, sem significante, sem medida”⁴⁷. Se há uma instância moral nele, ela “é o próprio inconsciente, que designa o que não funciona: essa é a verdadeira instância moral”⁴⁸. Isso é o que Lacan demonstra em *Kant com Sade*: o movimento perpétuo do supereu na civilização, ilustrando uma “equivalência entre a vontade moral e a vontade de gozo”⁴⁹.

Como se traduz o supereu na clínica?⁵⁰

Essa é uma pergunta que Miller faz no curso *O banquete dos analistas*. O supereu é aquilo que se escuta na clínica “com os traços da maior estranheza”⁵¹ do próprio sujeito, entendidos por ele como uma força maior

38 MILLER, J.-A. *Clinique du surmoi*. Op. Cit., p. 14

39 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética* / con la colaboración de: Éric Laurent. Op. cit., p. 18.

40 *Ibid.*.

41 MILLER, J.-A. *Causa y consentimiento*, op. cit., p. 195

42 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética* / con la colaboración de: Éric Laurent. Op. cit., p. 19.

43 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. Op. cit., p. 33.

44 *Ibid.*, p. 303.

45 *Ibid.*

46 *Ibid.*, p. 33.

47 MILLER, J.-A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Op. cit., p. 11.

48 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética* / con la colaboración de: Éric Laurent. Op. cit., p. 438.

49 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. Op. cit., p. 305.

50 *Ibid.*, p. 304.

51 ROY, D. O supereu contemporâneo. Op. cit., p. 111-112.

de servidão voluntária⁵². O discurso analítico “interroga justamente o ponto giratório que está no supereu”⁵³, dirá Lacan. Ele aparece no discurso do sujeito quando os significantes oferecidos pelo Outro, que prometiam uma completude, rateiam. Em seu lugar aparece uma perda de gozo “indexada ao corpo vivo”.⁵⁴ Por isso, Miller propõe que o supereu coloca em evidência a divisão subjetiva.⁵⁵ Ela é constitutiva da experiência de uma análise, “que em suas tentativas de reescrever sua existência, pode livrar o sujeito de sua falta-a-ser”⁵⁶.

O supereu como uma instância moral do próprio inconsciente impõe deveres absurdos e “uma lei que abarca a alma e o corpo [...]. Se quiserem, o sintoma e a fantasia”⁵⁷. A ética de cada sujeito está em sua fantasia fundamental na medida em que ela maneja a relação do sujeito com o gozo e o Outro. De outro lado, a apropriação do supereu à renúncia do gozo, ou melhor, *gozar da renúncia do gozo*⁵⁸ é o que orienta o sintoma. Se, em um primeiro momento, o sintoma encarna essa renúncia, em um segundo momento, percebe-se que, na verdade, o próprio passa a orientar o sintoma, passa a ser o portador desse gozo⁵⁹. O sintoma é a consequência de um discurso sem palavras, que é nutrido, em sua opacidade, pelo gozo “interdito”⁶⁰. A lei moral do sujeito é a fantasia, e o supereu é o motor que organiza o sintoma.

O supereu contemporâneo

A ética do sujeito é responder com o mais de gozo que se realiza na fantasia, e também é a forma atual do discurso do mestre contemporâneo, com seu empuxo ao gozo. A punção \diamond , que Lacan traduz por “vontade de” objeto *a*, em Kant com Sade⁶¹, serve tanto à fantasia, à repetição do mais-de-gozo que se apresenta no sintoma, quanto no empuxo ao gozo, no discurso contemporâneo do capitalismo. Por isso o supereu lacaniano é o sintoma da civilização contemporânea e, ao mesmo tempo, o impasse da civilização atual.

Seja no discurso capitalista, seja na ordenação do sujeito, o supereu divide o sujeito. Lacan, ao colocar o objeto *a* como agente do discurso, reforça o comando da permissividade, reestabelecendo o discurso do supereu. Diferentemente do discurso do mestre, que colocava uma barreira entre o objeto *a* e o \$, no discurso capitalista não há uma barra entre os dois, surgindo, em decorrência, um curto-circuito entre o *a* e o \$⁶². O supereu contemporâneo une os significantes identificatórios do mestre aos objetos mais-de-gozar, como se fossem a mesma coisa.

A psicanálise como uma saída para os fenômenos de hipnose coletiva⁶³

Um tratamento que Lacan dá ao supereu propõe que a vontade de gozo seja substituída pelo desejo do analista. Lacan chega a escrever a fórmula do desejo perverso da mesma forma que descreve o discurso do analista, fazendo-se instrumento do Outro. Tanto o perverso quanto o analista se colocam na posição de objeto *a*, dividindo o Outro como sujeito. Mas a diferença fundamental entre os dois casos é que no

52 *Ibid.*

53 LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais ainda (1975-1976)*. *Op. cit.*, p. 11.

54 ROY, D. O supereu contemporâneo. *Op. cit.*, p. 111-112.

55 MILLER, J.-A. *La clinique du surmoi*. *Op. cit.*

56 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética / con la colaboración de: Éric Laurent*. *Op. cit.* p. 348.

57 MILLER, J.-A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. *Op. cit.*, p. 191.

58 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. *Op. cit.*, p. 303

59 *Ibid*, p. 304.

60 MILLER, J.-A. *Causa y consentimiento*, *op. cit.*, p. 182

61 LACAN, J. Kant com Sade. *Op. cit.*, p. 785.

62 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. *Op. cit.*, p. 306.

63 ROY, D. O supereu contemporâneo. *Op. cit.*, p. 113.

caso do discurso do analista há uma barreira entre o S1 e o S2 no andar abaixo do esquema discursivo⁶⁴. Em análise é possível colocar uma barra entre os significantes mestres e os objetos mais-de-gozar, contanto que se aceite uma perda de gozo. Já em Freud, a experiência da análise pede que se abra mão das identificações vindas do Outro.

Miller propõe que a análise pode ser uma alternativa para barrar o supereu e o mais-de-gozar da fala. Na própria experiência da análise, o passe é uma forma de terminar um processo, barrar o próprio gozo da fala e do sentido, gozando da análise. O passe pode ter a função de barrar o circuito do supereu, ao colocar um fim ao processo de análise⁶⁵.

Miller chega a dizer, no curso *O banquete dos analistas*, que Lacan inventa o passe para tentar entender a pulsão na prática clínica, ou seja, o que aconteceu com a renúncia à pulsão, com o supereu e qual nova relação o analisando estabelece com ele⁶⁶. Nele, “há uma restituição” e um deslocamento do modo de gozo imposto pelo supereu e em como o sujeito se organiza diante do mestre. Se o supereu recicla a pulsão, o passe propõe uma invenção, restituindo isso “que governa e ordena o sujeito”⁶⁷. Uma proposta de deslocar o mais-de-gozo, lá onde o sujeito não se reconhece e não consente em objeto como causa de desejo.

64 *Ibid.*

65 MILLER, J.-A. *Los cuatro de Lacan. 1,2,3,4, Tomo II. Op. cit.*, p. 253.

66 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas. Op. cit.*, p. 33.

67 *Ibid*, p. 254.

... ler questões sobre supereu e *troumatisme*

Supereu em questão:
O *troumatisme* como
discórdia e como pura
diferença

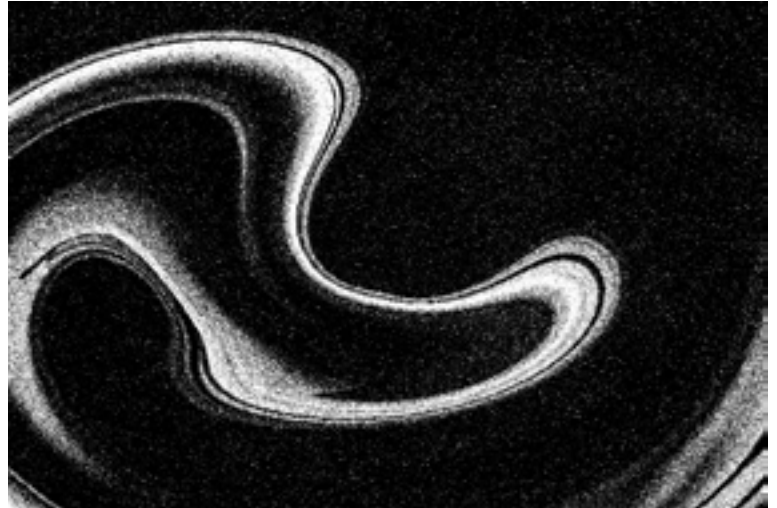


Imagem: hulki-okan-tabak_unsplash.com

Paula Maia

Participante da Comissão de Boletim das XIV Jornadas da EBP-SP

Na língua só existem diferenças¹

A ambiguidade presente no título *Bem-feito, supereu!* das XIV Jornadas da EBP – SP, instigou-me a interrogar os efeitos paradoxais do trauma de *lalíngua* no corpo, formulando uma questão acerca do supereu no *falasser*. Após a apresentação do trabalho nas Jornadas de Cartéis, uma afirmação permaneceu ressoando: “o supereu não é o gozo, é o imperativo, é a injunção, é relativo à força”. Essa precisão acerca da *força* levou-me a pesquisar a vertente pulsional do supereu, de modo a orientar o meu trabalho a partir da questão: seria o supereu um nome do *troumatisme*? Para delimitar um percurso, recorro a uma passagem

1 Ferdinand Saussure citado por MILLER, J-A. *Teoria de lalíngua*. Trad. Teresinha N. M do Prado – Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 95.

que me ocorreu no desenvolvimento da questão: o mito grego do casamento de Peleu e Tétis, no monte Pélion, onde Éris, a Discórdia, lança entre Hera, Afrodite e Atena um pomo de ouro com a inscrição “À mais bela” – ato inaugural que desencadeia os acontecimentos que culminaram na Guerra de Troia. Opto por esse disparador pois permitiu extrair três eixos como caminho: a guerra, a discórdia e o elemento de assimetria – o “mais bela”.

O século XX foi marcado por duas grandes Guerras Mundiais, contexto contemporâneo ao desenvolvimento da teoria psicanalítica. Como pesquisador, Freud se interessou por esse tema, sobretudo pelo seu caráter *bárbaro* - em contraponto ao ideal civilizatório - e por seus efeitos traumáticos no aparelho psíquico. O modo como Freud circunscreveu essa temática em três momentos distintos (1915, 1919 e 1933²) reflete as transformações do seu conceito metapsicológico das pulsões. É interessante notar que em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, Freud se refere à guerra como o que “transgride” a lei, “derruba o que se interpõe” como limite e “destrói os laços” sociais, tudo isso em função de uma “fúria enceguedida”³. Vemos que Freud se encontrava às voltas com esse *afeto* acompanhado do complemento: enceguedida. A alusão à perda da visão faz da guerra uma irrupção do que há de mais obscuro e insensato no ser humano.

É em 1933, em *Por que a guerra?*, que Freud atribui a essa irrupção o estatuto da pulsão de morte. Na interlocução com Einstein, o autor refere estar de acordo com a existência de um “instinto de ódio e de destruição que favorece o incitamento”⁴ dos homens ao conflito. Na sequência, apresenta-lhe seu novo dualismo pulsional: Eros e Tânatos – tese que fora formulada em *Além do princípio do prazer*. É a partir do mecanismo de compulsão à repetição que ele constata que a pulsão seria “uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior”⁵; disso advém a frase: “a meta de toda vida é a morte”⁶. Freud estabelece essa pressão como um fenômeno vital.

No entanto, para Lacan, essa tendência à morte decorre da lógica significante, da linguagem - que nada tem a ver com a biologia. É o significante que barra o sujeito e nele faz “penetrar o sentido da morte”⁷, essa barra também produz uma perda de gozo. É justamente através dessa perda que a repetição se instala - articulando-se, como Lacan apresenta no *Seminário 11*, ao circuito pulsional nas zonas erógenas. Logo, a repetição não equivale à pulsão de morte nos moldes do dualismo pulsional freudiano; ela é, propriamente, o cerne do funcionamento pulsional. Disso advém a frase: toda pulsão é, virtualmente, pulsão de morte”⁸.

Sabemos que há, de modo inerente à repetição, a falha. O significante introduz um impossível e, com isso, a repetição fica à serviço de uma “exigência desarmônica”⁹. Miller localiza o lugar do supereu aí, “como princípio da repetição anti-vital”¹⁰, ou seja, do que se opõe a adaptação e que embaralha o saber do (no)

2 Trata-se, respectivamente, dos textos: *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*; *A psicanálise e as neuroses de guerra*; e, *Por que a guerra?*.

3 FREUD, S. *Considerações sobre a guerra e a morte* (1915). In: *Obras completas volume 12*. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 215.

4 FREUD, S. *Por que a guerra?* (1933). In: *Obras completas volume 18*. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 426.

5 FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920). Trad. Maria Rita Salzano Moraes - Belo Horizonte: Autêntica, 2025, p. 131.

6 *Ibid.*, p. 137.

7 LACAN, J. *Posição do inconsciente* (1960/1964). In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro - Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 861.

8 *Ibid.*, p. 862.

9 MILLER, J-A. *Biologia lacaniana e acontecimento de corpo*. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo, v. 41, p.7-67, dez. 2004, p. 21.

10 *Ibid.*

corpo. Esse ponto me fez recorrer a uma definição de 1915, em que Freud descreve a pulsão como uma “exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal”¹¹. É através desses elementos – morte, exigência, satisfação – que aparece a relação entre o corpo e o supereu.

Ir em direção ao último ensino foi uma escolha para construir hipóteses e formular perguntas. Para seguir a linha de raciocínio que justifica este percurso, introduzo a dimensão do corpo que advém do traumatismo de *lalingua* (*troumatisme*). O acontecimento de corpo - esse choque inaugural do significante em sua sonoridade, ruído, e materialidade (*motérialisme*) - não tem a ver com o que se inscreve em termos de significação, que comporta o Outro da linguagem. Trata-se, por assim dizer, de um momento anterior à precipitação de chuva em *Lituraterra*; é o que da incorporação e suas ressonâncias, de «dentro», como um vulcão, irrompe e deixa marcas. Essa irrupção produz, de modo sincrônico, a existência e a não existência, o excesso de gozo (vida) e o furo (não vida). É o que ressoa no corpo e, sobretudo, o perturba¹².

É sob essa perspectiva que o Um-corpo se define como aquilo que *se goza* por meio de uma desregulação, de um transtorno de gozo¹³, advindo do trauma que instala a repetição e que não se harmoniza, jamais; é pura discórdia entre a fala e o corpo. Miller chama de real-trauma o que “vem furar, perturbar [...] a tranquilidade da ordem simbólica, sua homeostase”¹⁴ – no *mais além* do princípio do prazer. É a partir da emergência sincrônica que proponho situar a discórdia e a pura diferença. Se a discórdia é o que perturba e desorganiza o corpo, a diferença (que é fundamento da discórdia) - seu “a *mais*” – aponta, também, para um excedente que pode se tornar um nome de gozo; este que indica o que há de mais singular no *falasser*. No mito, a discórdia é o que, através da assimetria, levou à destruição e ao absurdo da guerra. É o que, por um lado, pode fazer da perturbação da língua um signo do pior. A partir desses pontos, formulo:

Seria esse choque inaugural que *desencadearia* o supereu em sua vertente de objeto a? Sirvo-me do verbo “desencadear” em referência ao modo como Miller o define: “como uma função desencadeada e que não conhece limites”. E, também, quando se refere a “suposta introjeção do supereu [que] só encontra sua estrutura a partir de uma exclusão interna do gozo em relação ao simbólico”¹⁵; como a *extimidade* “é o que está em mim mais do que eu mesmo”¹⁶. Podemos dizer que o imperativo, a injunção do supereu decorre desse encontro traumático e contingente do significante com o corpo? De uma montagem pulsional que o gozo traumático inaugura e que o supereu se torna agente? Diante de um gozo-perturbação podemos colocar o desejo do analista, nesse entre, em direção à pura diferença? Trata-se de uma ética orientada por um saber-fazer com a marca de gozo opaco de “*cada lalingua – incomparável a qualquer outra [...] em sua multiplicidade inconsistente.*”¹⁷

11 FREUD, S. *As pulsões e seus destinos* (1915). Trad. Pedro Heliodoro – Belo Horizonte: Autêntica, 2025, p. 25.

12 Cf HORNE, B. O Mistério; Encarnação. In: *O campo uniano: o último ensaio de Lacan e suas consequências*. Goiânia: Editora Ares, 2022, p. 35-74.

13 MILLER, J.-A. O Um é letra. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo, v. 83 p. 44-67, set. 2021, p. 64

14 MILLER, J.-A. *O Um-sozinho*. Curso de Orientação Lacaniana. Inédito. Aula 02/02/2011.

15 MILLER, J.-A. Teoria de los goces. In: *Recorrido de Lacan*. Buenos Aires: Manantial, 1986, p. 159.

16 *Ibid.*, p. 160.

17 MILLER, J.-A. *Teoria de lalingua*, op. cit., p. 95 e 97.

... ser impactado: paixão e supereu

A paixão simples do supereu

Carolline Rangel e James Alberto Moura Valeriano
Participantes da Comissão de Artes das XIV Jornadas da EBP-SP



Imagem: Pinterest

Uma leitura em estado bruto

A escritora francesa Annie Ernaux, prêmio Nobel de literatura em 2022, tornou-se conhecida pela forma de se valer da escrita. Nem testemunho, nem exatamente confissão: a autora se serve de elementos autobiográficos em um contexto sócio-histórico para que o leitor utilize dessa experiência de leitura em seu quase estado bruto.

“No fundo, o objetivo final da escrita, o ideal a que aspiramos, é pensar e sentir dentro dos outros, como os outros - os escritores, mas não apenas - pensaram e sentiram em mim.”¹

Em seu trabalho, Ernaux deixa claro que sua escrita não se trata de uma busca por explicações ou origens aos moldes do que uma análise a levaria hipoteticamente a fazer. Tampouco busca o exibicionismo. Estaria aí um esforço em escrever algo do indizível? Assim sendo, seria possível inferir, que, o que ela narra se articula com o que Lacan formalizou como um para além do Édipo?

1 ERNAUX, A. *A escrita como faca e outros textos*. São Paulo. Editora Fósforo, 2023, p. 53.

“Mas é essa volta, irreal, quase inexistente, que confere todo o sentido à minha paixão, que é o de não ter sentido, de ter sido, durante dois anos, a realidade mais intensa possível e a menos explicável.”²

À medida que se é capturado pela leitura hipnotizante de Ernaux, de forma irresistível e incômoda, se é levado para algo como um buraco negro. Em *Paixão Simples*, livro que será apresentado a seguir, torna-se claro que ao se aproximar do precipício, “do limite que a separa do outro”, a personagem vai se separando da sua própria vida.

Duas faces do ilimitado

“não sentia vontade de levantar. (...) Apenas a sensação de que o tempo não me conduziria mais a lugar nenhum (...). Era possível desejar coisas, qualquer coisa, por outro motivo que não fosse (...) para servir ao amor?”³

Corpos nus vistos bem de perto. Peles se misturando entre movimentos e ângulos pornográficos. As cenas de um ato sexual em relação com a escrita: para a autora, a angústia e estupor da escrita também deveriam conter o obsceno que o sexo desvela.

É assim que se apresenta a protagonista do livro *Paixão Simples*. Um homem estrangeiro é alvo de sua fixação e desejo febril. Elabora diálogos, imagina cenas, conta minutos para o encontro dos corpos. Tomada pelo torpor, aguarda telefonemas, enquanto se põe assombrada pela possibilidade de não mais ver o homem que deseja. Imagina-se batendo o carro como um desfecho brutal, capturada por uma experiência sem nome que leva seu corpo ao extremo.

Este homem casado fica com ela apenas algumas horas, mas frente a essa experiência, não há tempo, limite ou barreiras. Os encontros acontecem como incêndios, puro deslumbramento. Após a partida desse homem, seu corpo passa a uma mortificação: paralisada, não tem energia para cuidados de si ou da casa. A intensidade desse encontro que a inflama, e a ausência que a mortifica posteriormente, revelam um circuito em que estas duas posições não são tão distantes. Dois extremos se avizinham, revelando duas faces de um sem limite, ou ainda: um modo de gozar cujo caráter se verifica pela vertente do ilimitado.

Pulsão de morte, gozo e supereu

“Sentia que estava no direito de me opor a tudo o que atrapalhasse uma entrega sem limites às sensações e narrativas imaginárias da minha paixão”⁴.

Como pode ser interpretada a experiência da protagonista ao se colocar diante do homem por quem se apaixona? O que faz com que se fixe nessa posição mortífera? Freud, ao formular o conceito de pulsão, incluiu neste a dimensão da busca e produção de satisfação. Haveria uma relação intrínseca entre pulsão de morte, gozo e supereu. Na perspectiva freudiana, o supereu é correlato da pulsão de morte, e, em La-

2 ERNAUX, A. *A Paixão Simples*. São Paulo. Editora Fósforo, 2023, p. 59.

3 *Ibid.*, p. 42-43.

4 *Ibid.* p. 31.

can, é imperativo de gozo:⁵ “Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo de gozo – Goza!”⁶

“Uma noite, fui tomada pela vontade de fazer um exame de HIV: ‘Pelo menos isso ele teria deixado em mim’”.⁷

Pulsão de morte, gozo e superego se entrelaçam na experiência da entrega irrestrita e mortífera diante do estrangeiro. Miller⁸ destaca a formulação freudiana de que a pulsão é um impulso que não se destrói, como uma certeza: não rechaça a si própria e prossegue. O que Lacan chamou de gozo seria a satisfação interna da pulsão. Mas se o superego se fortalece da renúncia pulsional, segundo Miller, como a pulsão poderia operar junto ao superego? É Campos⁹ quem retoma Freud e esclarece: alguns sujeitos que julgam terem renunciado demais, como exceções, não declinam de suas pulsões. Desse modo, tornam-se exigentes não para consigo mesmos, mas com os outros, fortalecendo seu superego. Com a personagem, a íntima relação entre pulsão mortífera, gozo e superego se revelam ao leitor.

Superego: feminino?

O sacrifício de aspectos de sua vida marca a experiência da protagonista. A exigência, a tendência ao sacrifício e a renúncia podem ser maiores nas mulheres, nos revela a clínica psicanalítica¹⁰. Lacan ensina a partir das fórmulas da sexualidade que não se trata de homens ou mulheres, e sim de posições femininas ou masculinas. Nesse sentido, quando uma mulher ocupa uma posição feminina, se refere à relação ao significante da falta no Outro e ao significante fálico. Desse modo, para além de submissão ou simples dependência, trata-se do modo como um homem pode ocupar o lugar de Ideal para uma mulher.

“(…) como se o cérebro, sob o afluxo repetido das mesmas imagens, das mesmas lembranças, pudesse ter um orgasmo, como se fosse um órgão sexual similar aos outros.”¹¹

Campos afirma que o superego feminino opera na própria mulher como devastação e como agente superegoico para seus parceiros. Nas mulheres, a demanda de amor infinita pode se ligar ao que há de mais devastador e remeter às experiências primitivas com o Outro materno. A demanda infinita seria signo da estrutura do não-todo feminino, e o modo como endereçam aos parceiros tal demanda levaria a um sem limite que as devastaria¹². Uma mulher, quando em posição feminina, pode experimentar esse gozo não-todo como devastação, face mortífera sob efeitos da infiltração do superego.

5 CERVELATTI, C. S. Pulsão de morte e o superego feminino. Do gozo infinito e da causa de desejo. In: *Correio Express*. Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/12/24/pulsao-de-morte-e-o-superego-feminino-do-gozo-infinito-e-da-causa-do-desejo/

6 LACAN, J. O *Seminário*, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982, p.11.

7 ERNAUX, A. *A Paixão Simples*. Op. cit. p. 41.

8 ILLER, J.-A. Do amor à morte. In: *Opção Lacaniana Online*. Julho 2010. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_2/Do_amor_a_morte.pdf

9 Cf. CAMPOS, S. *Superego | Uerepus* - das origens aos seus destinos. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.

10 TENDLARZ, S. E. *El Superyó femenino*. Colección Diva. N. 18, Maio, 2000.

11 ERNAUX, A. *A Paixão Simples*. Op. cit. p. 31-32.

12 MILLER, J.-A. *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Assim, a relação entre gozo feminino e supereu se faz presente para muitos sujeitos que ocupam a posição feminina. Bassols¹³ aponta que não há uma identidade entre ambos, e Miller¹⁴ destaca que o problema do supereu feminino é uma máscara do gozo feminino. Desse modo, algumas mulheres que na posição feminina acessam esse gozo a partir de sua posição não-toda, dirigem-se aos seus parceiros em busca do falo. Essa dependência revela sua relação privilegiada com o significante fálico, mas não determina que nele se aprisione. Para Campos¹⁵ a solução para se esquivar do supereu feminino e seus efeitos devastadores, seria uma invenção a ser feita uma a uma. Em *Paixão Simples*, a mulher tratará de inventar um caminho frente a tal experiência de gozo.

E o bem...

A protagonista já nos advertira que não se pautava em uma moral, ao contrário, que pretendia tomar como ponto de partida a suspensão de um julgamento moral. Afinal, não era Freud que não estava convicto se as mulheres tinham um supereu?

Miller¹⁶ retomou essa dificuldade de “não ceder de seu desejo”, afirmando que essa “quase equação” teria uma aproximação muito estreita com “fazer seu dever”. Assim, ele conjugou; “não ceder de seu dever, fazer seu desejo” entendendo que quando se utiliza a palavra dever, ela já está aí como uma diligência do seu dever. Conclui que não há mais seres de dever do que as mulheres, haja visto se tomarmos emprestado uma ilustração do teatro grego: Antígona.

Freud também teve enquanto ponto de partida o mal-estar na civilização. Em *Paixão Simples*, a protagonista nos dá mostras de que não é seu bem-estar em jogo: há uma entrega irrestrita ao outro, sem censura.

Em *Clínica y Superyó*¹⁷, Miller esclareceu que há uma oposição entre o bem-estar posto no que seria moralmente mais aceito e uma outra ética do bem. A existência do supereu implica em um bem cindida com a noção de bem-estar. Um paradoxo!

A partir do supereu, o sujeito está apegado a algo que não lhe faz bem. A noção de supereu para Lacan encontrou um lugar como nome de gozo, do gozo que constitui um bem para o sujeito, um bem absoluto e separado do bem-estar. O supereu ordena: Goze! Mas gozar do quê? Em *Paixão Simples*, teríamos uma pista? Goze de seu corpo! Goze do corpo do outro enquanto metáfora do seu!

A grande aventura da protagonista talvez seja brindar ao leitor, através de sua lógica, do que é possível ser escrito entre ela e o outro (que inclui o outro-leitor), como uma solução factível para o seu impossível.

Supereu: uma paixão simples?

O supereu encontra-se elidido do título freudiano de “O Ego e o Id”, muito embora seu lugar tenha sido decisivo na formalização do aparelho psíquico enquanto uma lei, um imperativo categórico que guarda afinidades com o Id.

13 BASSOLS, M. O feminino entre centro e ausência. In *Opção lacaniana online*. Julho 2017.

14 MILLER, J.-A. Clínica del superyó. (1981). In: *Conferencias Porteñas*. Tomo 1. Paidós. Buenos Aires, 2012.

15 *Ibid.*, p. 6.

16 MILLER, J.-A. *Lacan Elucidado. Palestras no Brasil*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1997. p. 164.

17 MILLER, J.-A. *Conferencias Porteñas*. Tomo 1. Paidós. Buenos Aires, 2012. p. 135.

Em Lacan, o supereu atravessa seu ensino: um outro nome do inconsciente, a relação do supereu e os três registros, também com o gozo não-todo fálico. Miller¹⁸ em diversos momentos faz referência ao supereu como uma função desencadeada que não conhece limites. Localiza com precisão, ainda, que o supereu estaria exatamente na conjunção do simbólico e do real: uma lei que se articula apontando um gozo. Logo, também há uma função organizadora dos sintomas.

Tal como em uma paixão, o sujeito se mantém em relação ao supereu, que lhe coordena o gozo. Haveria alguma simplicidade nessa relação, nessa relação íntima a que o sujeito se mantém fiel e agarrado em seus caminhos da experiência? Seria possível, tal como na obra de Annie Ernaux, dizer que a relação do sujeito com o supereu se trataria de uma paixão simples? Ou se trataria de um complexo mecanismo que se aloja e se infiltra ordenando o gozo? Convidamos cada um para a leitura da obra e articulação das próprias questões.

18 *bid.*, p. 13.

... ir aos livros

Vinícius Tiola Soares

Participante da Comissão de Livraria das XIV Jornadas da EBP-SP

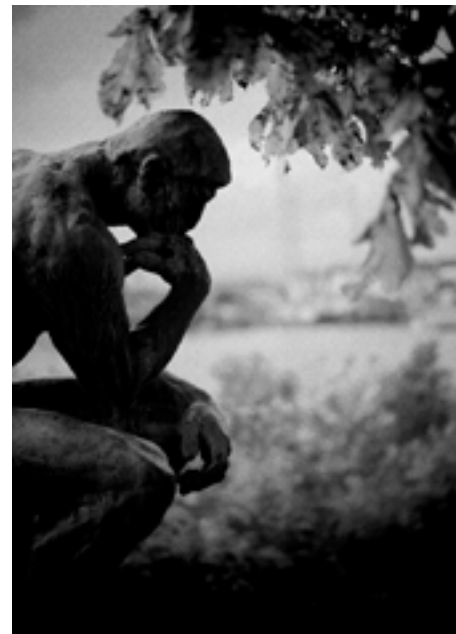


Imagem: moeen-zamani_unsplash

O eco do imperativo já ressoa com força na Seção São Paulo. Quando a nossa época nos encurrala sob a tirania do desempenho e o comando implacável do “TU DEVES...”, as XIV Jornadas da EBP-SP nos convocam a uma torção ética: **Bem-Feito, supereu!** Se essa instância ou funcionamento feroz e insensato nos cobra um gozo mortífero e cego, nós respondemos com o furo no saber, com a decantação da clínica e com a aposta na transmissão.

Partindo do próprio equívoco homofônico que baliza nossa investigação, o verdadeiro antídoto contra a ferocidade superegóica é fazer girar a palavra e o escrito. E é justamente aí, no limite onde a palavra faz furo, que a Comissão de Livraria se instala como um litoral pulsante.

Estamos trabalhando tomados por entusiasmo e expectativa. Nossa Livraria está sendo preparada para receber os corpos e as discussões de todos vocês com um acervo primoroso, recheado de novidades editoriais e calcado no objetivo de “esticar horizontes” trazendo também livros literários.

Queremos oferecer as referências bibliográficas essenciais, as traduções mais recentes e aquelas publicações fundamentais destacadas nos eixos das nossas Jornadas.

Não recuem diante do imperativo! Aguardem as surpresas e os títulos atuais que estamos preparando para morder o osso do nosso tema. Nos vemos em breve, entre os próximos boletins, nos lançamentos da nossa Livraria e no próximo livro que pode subverter o seu “Tu debes...” em um legítimo ato de desejo.

... buscar
referências



imagem: kwherzog-dandelion_pixabay.com

MANIFESTAÇÕES PARADIGMÁTICAS DO SUPEREU

Além da lei insensata, aqui vocês encontrarão o convite do analista à associação livre como abertura à insensatez em que o supereu se apresenta numa análise. Seguimos com suas apresentações clínicas, referidas ao primeiro eixo, “Manifestações paradigmáticas do supereu”: a reação terapêutica negativa e a ambivalência em relação ao analista, que é por excelência a emergência primordial do objeto superegóico – a voz e o olhar animado pela exigência pulsional.

“... o supereu foi considerado tanto por Lacan como por Miller como possuindo um estatuto de voz, voz que se confunde com a consciência moral (*jouis, j’ouis*). No entanto, e a partir do que a clínica nos mostra, acreditamos que esta tese é válida apenas em parte, uma vez que se na neurose obsessiva o supereu possui estatuto de voz, na histeria o supereu se encarna muito frequentemente pelo olhar. O estatuto do supereu enquanto que introjetado possui estatuto de voz. Mas quando se encarna no Outro, seu objeto predileto é o olhar.”¹

1 DURAND, I. El superyó, femenino: las afinidades entre el superyó y el goce femenino. Buenos Aires: Tres Haches, 2010. p. 76. (Tradução nossa.)

Com Freud², localizamos o retorno do objeto sob a forma dos sintomas de: neurose obsessiva, melancolia e mania. Com Lacan³, apontamos o retorno do supereu na neurose, em forma de ideal.

Para além das delimitações do gozo com o objeto, ainda orientados pela exigência pulsional, que não cessa, com Miller podemos aproximar o gozo feminino, o supereu, e phi zero.

“Não considero que $\Phi 0$ seja uma negativização, considero que mostra a *ubiquidade* do gozo quando este não se localiza como gozo fálico. Lembremos que Lacan sustenta que a mulher não está privada do gozo fálico. O falo zero, $\Phi 0$, escreve o gozo não congelado, não cativo do falo. Isso se articula muito bem com o que no transcurso da história se disse acerca das mulheres: que não se submetem às leis da palavra. Os mandamentos divinos são leis destinadas a cativar as mulheres na ordem da palavra. Não só elas não têm supereu como dizia Freud, mas também não lhes importa a lei do reconhecimento simbólico.”⁴

Ainda sobre as relações do feminino com o supereu, com Lacan podemos dizer que o supereu ocupa a função de Outro, enquanto orientação a algo da exigência pulsional insistente, própria do movimento do gozo feminino: a sua relação com o corpo para além da relação com o objeto, como bem nos indica Oscar Ventura⁵ em seu passe abaixo citado, configurando a ubiquidade do gozo – está em toda parte.

“No desatino de nosso gozo, só há o Outro para situá-lo, mas na medida em que estamos separados dele.”⁶

Ainda no caminho sobre as manifestações clínicas do supereu, sugerimos a leitura de um texto em que Daniel Roy desenvolve as formas de apresentação do supereu em nossa época.⁷ E, por fim, recomendamos vivamente a leitura completa da Conferência 31 de Freud⁸.

LEI INSENSATA E MANIFESTAÇÕES DO SUPEREU

Freud

“Na neurose obsessiva (em algumas formas dela) o sentimento de culpa é bastante forte, mas não consegue se justificar perante o Eu. Daí o Eu do paciente indignar-se com a imputação de culpa e solicitar do médico que o fortaleça na rejeição desses sentimentos de culpa. Seria tolo concordar com isso, pois não teria efeito. A análise mostra depois que o Super-eu é influenciado por processos que permaneceram

- 2 FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: *Obras completas*, volume 16: O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 64-74.
- 3 LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 52-53.
- 4 MILLER, J.-A. *Conferencias porteñas: tomo I*, Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 141-42. (Grifo e tradução nossa).
- 5 VENTURA, O. Identificação, acontecimento de corpo e laço social. In: *Arteira 10*. Revista de Psicanálise, 2018. Disponível em: <https://revistaarteira.com.br/index.php/identificacao>.
- 6 LACAN, J. Televisão (1973). In: *Outros Escritos. Op. Cit.*, p. 533.
- 7 ROY, D. O supereu contemporâneo. In: *Curinga*, Belo Horizonte, n. 41, jun. 2016, p. 111-120.
- 8 FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In: *Obras completas*, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp.192-223.

inconscientes para o Eu. É mesmo possível descobrir os impulsos reprimidos que alicerçam o sentimento de culpa. O Super-eu, aqui, sabia mais sobre o Id do que o Eu. Na melancolia é ainda mais forte a impressão de que o Super-eu arrebatou a consciência. Mas aqui o Eu não ousa reclamar, ele se reconhece culpado e submete-se ao castigo. Nós compreendemos a diferença. Na neurose obsessiva trata-se de impulsos chocantes que permaneceram fora do Eu; na melancolia, o objeto a que toca a ira do Super-eu foi acolhido no Eu por identificação.”⁹

Lacan

“Na melancolia, trata-se de algo diferente do mecanismo de retorno da libido no luto e, por essa razão, todo o processo, toda a dialética se constrói de outra maneira. O objeto, Freud nos diz que é preciso [...] que o sujeito se entenda com ele. Mas o fato de se tratar de um objeto *a* e de, no quarto nível, este se encontrar habitualmente mascarado por trás da *i(a)* do narcisismo, e desconhecido em sua essência, exige que o melancólico atravesse sua própria imagem e primeiro a ataque, para poder atingir, lá dentro, o objeto *a* que o transcende, cujo mandamento lhe escapa – e cuja queda o arrasta para a precipitação suicida, com o automatismo, o mecanicismo, o caráter imperativo e intrinsecamente alienado com que vocês sabem que se cometem os suicídios de melancólicos.”¹⁰

“A gulodice pela qual Freud denotou o supereu é estrutural – não é um efeito da civilização, mas um ‘mal-estar (sintoma) na civilização’”¹¹

“O supereu é, a um só tempo, a lei e a sua destruição. Nisso, ele é a palavra mesma, o comando da lei, na medida em que dela não resta mais do que a raiz. A lei se reduz inteiramente a alguma coisa que não se pode nem mesmo exprimir, como o Tu deves, que é uma palavra privada de todos os seus sentidos. É nesse sentido que o supereu acaba por se identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante, nas experiências primitivas do sujeito. Acaba por se identificar ao que chamo figura feroz, às figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem, que a criança sofreu.”¹²

Miller

“No início não temos supereu, mas apenas uma dependência externa do sujeito em relação ao Outro: para não perder seu amor, aceita renunciar a satisfazer as pulsões. [...] Quando Freud manifesta suas dúvidas a respeito do supereu feminino, é porque

9 FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: *Obras completas*, volume 16: O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 64.

10 LACAN, J. O Seminário – Livro 10: a angústia (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 368.

11 LACAN, J. Televisão (1973). In: *Outros Escritos. Op. Cit.*, p. 528.

12 LACAN, J. O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 123.

considera que as mulheres, cuja vida erótica está constituída do lado do amor, se detêm no nível de uma moralidade externa. Diz que as mulheres não têm supereu porque para elas o mais importante é conservar o amor – a moralidade para elas sempre se estabelece em relação com um Outro externo, cujo amor se trata de conservar.”¹³

Por que não colocar também o sentimento de culpa no nível onde está o supereu dizendo: ‘Goze!’?¹⁴

Laurent

“Esse acesso (ao gozo) é diferente da resposta que o supereu sempre propõe, a partir de sua ordem imperativa: goza! O acesso ao gozo reside em não o definir como resposta, mas como pergunta, em não tomar partido através da resposta do supereu, mas através da pergunta do desejo, do *che vuoi?*”¹⁵

E NA ANÁLISE...

Sobre a transferência negativa e a reação terapêutica negativa:

Freud

“O analista é então, para o paciente, apenas um desconhecido que lhe diz coisas impertinentes, e o paciente se comporta, em relação a ele, como uma criança que não gosta da pessoa desconhecida e não lhe dá crédito.”¹⁶

“Não há impressão mais viva das resistências, durante o trabalho analítico, do que a de uma força que se defende da cura por todos os meios e busca se apegar à doença e ao sofrimento. Parte dessa força identificamos [...] como consciência de culpa e necessidade de castigo, e localizamos na relação do Eu com o Super-eu. Mas essa é somente a parte que se acha psiquicamente amarrada pelo Super-eu e se torna reconhecível, portanto. Outros montantes da mesma força podem estar em ação, de forma livre ou vinculada, não se sabe bem onde. Se tivermos presente, em sua totalidade, o quadro composto pelos fenômenos do masoquismo imanente de tantas

13 MILLER, J.-A. Do amor à morte. In: *Opção Lacaniana online*. Ano 1, n. 2, julho 2010, p. 10. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/do_amor_a_morte.pdf

14 MILLER, J.-A. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 98.

15 LAURENT, E. Construção da fantasia: As duas análises da Sra. Y. In: *Versões da Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 77.

16 FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: *Obras completas*, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 177.

“... pessoas, da reação terapêutica negativa e do sentimento de culpa dos neuróticos, não poderemos mais sustentar a crença de que o funcionamento psíquico é governado apenas pela ânsia de prazer.”¹⁷

Lacan

“A transferência negativa, é-se mais prudente, mais temperado, na maneira que se tem de evocá-la, e não se a identifica jamais com o ódio. Emprega-se antes o termo ambivalência, termo que, mais ainda que o primeiro, mascara muitas coisas, coisas confusas cuja manipulação não é sempre adequada.”¹⁸

Miller

“... a regra analítica é uma operação visando à ablação do que correntemente chamamos de supereu, tanto quanto a implantação de um outro supereu, próprio à experiência analítica, concebido como a obrigação, a imposição de dizer a verdade, toda a verdade, sem disfarce.”¹⁹

“O pior é que não apenas o Outro [...] deseja sua miséria. Isso está oculto em todas aquelas belas histórias que são contadas, e Lacan o evoca em seu texto sobre o fantasma: o Ser supremo em maldade. [...] A travessia do fantasma é o momento em que se percebe este Ser supremo em maldade, que é outro nome do supereu.”²⁰

PASSES:

Kuky Mildner

“Finalmente a transferência negativa e a separação. Senti raiva. Que acontecia com ele que me desrespeitava, me diminuía assim, não respondia aos e-mails, não usou a minha transcrição. Por fim disse a mim mesma: eu não era sua paciente favorita? Sua eterna paciente? Uma contradição pois não terminava sua análise, o analista já havia marcado várias vezes tratar-se de um período pós-analítico e ela não dava ouvidos. Houve um sonho que delatava isso: eu estava sentada na poltrona do analista e ele naquela que eu sentava nas primeiras entrevistas. Me falava, mas eu não entendia o que falava. [...] Me despedi desse Outro que me preferia em meu silêncio depois de contar o sonho de 7 meses atrás.”²¹

17 *Ibid.*, p. 179.

18 LACAN, J. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 120.

19 MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 103.

20 MILLER, J.-A. *Del síntoma al fantasma. Y retorno*. Buenos Aires: Paidós, 2018, p. 120. (Tradução nossa).

21 MILDNER, K. Sobre el final, um delírio en la transferencia. In: *La locura de cada uno*. Olivos: Grama Ed., 2019, p. 221.

Maria Josefina Sota Fuentes

“[...] porque insistir na demanda de amor da mãe-analista, se desde este lugar é a voz do supereu quem responde, transformando o enunciado ‘Você pode morrer’ em um imperativo de gozo ‘Morra?’”²²

Oscar Ventura

“Tentar encontrar a fórmula para me desfazer dessa impostura, dessa falta de autenticidade que produzia a tenacidade de uma posição melancólica foi o que definiu todo meu esforço analisante. [...] ficar alienado ali, à mercê dessa identificação ou desaparecer sob a forma de um resto, abortado do Outro como objeto dejetivo e desalojado da vida. Posso dizer, também, que a base de operação do supereu se instala a partir dessa conjuntura. [...] Mas a diferença, aqui, efetivamente é notável: o objeto voz despojado das identificações às que estava ligado e que representavam a potência alienante de uma coalescência entre identificação e supereu mostra agora sua vacuidade. O ruído do zumbido evoca [...] um deslocamento que vai do Outro da linguagem, mortificante, ao Outro como corpo com o qual a gente tem que se arranjar sem garantia nenhuma. E que, [...] libera a enunciação da viscosidade das identificações. [...] penso que o final da análise, nesse sentido, é uma forma possível de estabelecer um novo contrato com o supereu.”²³

22 FUENTES, M. J. S. Deixar-se escrever. In: MILLER, J.-A. [et al.]. *Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola*, membros da Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018, p. 240.

23 VENTURA, O. Identificação, acontecimento de corpo e laço social. In: *Arteira 10*. Revista de Psicanálise, 2018. Disponível em: <https://revistaarteira.com.br/index.php/identificacao>.

... abrir essa carta
e aceitar nosso
convite

JORNADA CLÍNICA
XIV JORNADAS DA EBP-SP
16 e 17 outubro 2026



Imagem: philippe-murray-pietsch_unsplash.com

CONVITE

Aos Praticantes da Psicanálise

Caros colegas,

Vimos, em primeira mão, convidá-las(os) a enviar fragmentos ou vinhetas de sua prática clínica para apreciação da Comissão de Orientação das Jornadas, visando à posterior discussão nas Mesas Simultâneas, a serem realizadas no dia 16 de outubro de 2026.

O tema que nos convoca neste ano, o supereu, tem sido tradicionalmente pouco discutido na clínica; nosso objetivo é encontrar seus vestígios, seu funcionamento, os sintomas e as soluções com as quais nos deparamos na prática da psicanálise. O título das Jornadas “Bem-feito, supereu!”, aponta para sua dupla vertente, seus conhecidos malfeitos e o que, na análise e na vida, faz o supereu de bem-feito.

Receberemos os trabalhos até o dia 12/9/2026.

Cordialmente,

Comissão de Orientação
XIV Jornadas da EBP-SP

... propor o
seu trabalho



(imagem: prasongsom-ant_pixabay.com)

Orientações para o envio de trabalhos:

1. Os textos devem ter, no máximo, 5.000 caracteres (com espaços), escritos em

Times New Roman 12, justificados, espaçamento simples, com notas (referências) no fim de página;

2. Colocar no cabeçalho

o título do trabalho, o nome do(a) autor(a), endereço de e-mail e o eixo temático no qual o trabalho se insere;

3. Os textos devem ser enviados

em formato Word, anexado ao e-mail, colocando como assunto:
Bem-feito, supereu! – envio de trabalhos para avaliação/simultâneas

4. Enviar para: trabalhojornadasebpsp@gmail.com

5. Para que o trabalho seja avaliado, é necessário estar inscrito(a) nas Jornadas.

| Não é necessário ser membro da EBP ou associado de algum Instituto;

6. Data limite para envio dos trabalhos: **12/09/2026**;

Eixos temáticos

EIXO 1 – Manifestações clínicas paradigmáticas do SUPEREU

EIXO 2 – A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo

EIXO 3 – Paradoxos do Goze! na cultura

... garantir sua inscrição

Convidamos todos a se inscreverem nas XIV Jornadas da EBP-SP:
Bem-feito, supereu!

Para dúvidas e informações adicionais, entre em contato pelo e-mail
jornadas.ebpsp@gmail.com

Link de inscrição: <https://forms.gle/CfD239rTmwBtg5Y3A>



imagem: alexpee07-hieroglyphs_pixabay.com

... conhecer
a diretoria e
as comissões
organizadoras



imagem: tadeusz-zachwieja_unsplash.com

Diretoria da EBP- Seção São Paulo- 2025-2027

Diretora Geral: Veridiana Marucio

Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbio: Mirmila Musse

Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral

Camila Popadiuk

Comissão de Orientação

Maria do Carmo Dias Batista (coordenação)

Eliane Costa Dias

Heloísa Prado da Silva Telles

Marilsa Basso

Niraldo de Oliveira Santos

Patrícia Bichara

Rômulo Ferreira da Silva

Silvia Sato

Comissão de Divulgação

Maria Julia Swenson (coordenação)

Ana Stela Sande Segue

Clara Ottoni

Fábio Saad

Felipe Bier

Helena Daquanno Testi

Luisa Fromer

Mariana Amado

Comissão de Secretaria e Tesouraria

Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação)
Francisco Lemes
Renata Alves Fornaciari
Renata Duarte
Janaína de Paula Costa Veríssimo
Bianca Wierman
Katia Ribeiro Nadeau
Hector Trinca Espagnoli

Comissão de Infraestrutura

Andressa Contó Luz (coordenação)
Alan Seabra
Fernanda Gelesko
Layla Thamm
Leandro Verzignassi Nunes
Lilian Beiguelman
Maíra Tumbiolo Tosi
Priscila Tavares Viviani
Renata Perche
Ruth Galvão de Barros
Sara Castro

Comissão de Referências Bibliográficas

Carmen Silvia Cervelatti (coordenação)
Eduardo Vallejos da Rocha
Gabriela Ponte Rodrigues
Izabel Abreu
João Paulo Desconci
Luciana Ernanny Legey
Perpétua Medrado Gonçalves
Siglia Cruz de Sá Leão

Comissão de Boletim

Alessandra Sartorello Pecego (coordenação)
Clarissa Carvalho
Emmanuel Nunes de Melo
Francisco Durante
Gustavo Menezes

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros
Patricia Badari
Paula Maia

Comissão de Livraria

Tatiana Vidotti (coordenação)
Camila Morelli
Camilla Baratto
Caroline Silva
Flaviana Pires Oliveira
Lorrany Corrêa
Natália Cassim
Rosangela Turim
Vinícius Tiola

Comissão de Acolhimento e Festa

Élida Biasoli Lenci (coordenação)
Eduardo Caliendo Marchesan
Jefferson Nascimento
Helena Andrade
Fernanda Cristina Gomes de Carvalho
Teresinha Prado
Débora Garcia

Comissão de Arte

Licene Garcia (coordenação)
Ana Maria Almeida Guerra
Ana Sofia Guerra
Carolline Rangel
Cynthia Gindro
Edgley Duarte de Lima
James Valeriano
Milena Vicari Crastelo